

«Não-cidadãos, estrangeiros no seu próprio país», artigo de Camille Petit

Sítio web Euroviews 2014

Aleksandr Gaponenko, não-cidadão

A minha identificação diz que sou russo, mas etnicamente é mista: russa, ucraniana e polaca. Vivemos com base na cultura russa, na língua russa. Mas estamos separados da Rússia. Vivemos aqui há muito tempo e já nos sentimos parte da sociedade letã. Mas esta sociedade está dividida em duas partes, há aqui duas comunidades: a comunidade letã e a comunidade russa.

Elizabete Krivcova, antiga não-cidadã

Toda a minha família sente que é letã, vivemos aqui desde sempre e não temos mais nenhum lugar para onde ir. A minha língua materna é o russo e a minha identidade cultural, em muitos aspetos, também é russa. Mas a minha identidade política é totalmente letã e entendo bem a cultura, que faz parte de mim, sendo também europeia. Sinto-me também europeia e penso que sinto ter várias identidades ao mesmo tempo.

Karlis Eihenbaums, adido de imprensa do ministro dos Negócios Estrangeiros

Temos aqui um grupo de cerca de 270 000 pessoas que são aquilo a que se chama não-cidadãos. Sabemos perfeitamente que os temos aqui. Mas isso não significa que não tenham direitos. Ou seja, o número era muito elevado quando começámos e claro que são sempre questões problemáticas. Ninguém pode dizer que são cidadãos automaticamente. Se o número for relativamente pequeno, é possível. O nosso número era bastante maior e eles não vieram para cá a nosso convite. Vieram em determinadas circunstâncias, em determinado período. Entre eles, havia também antigos oficiais ou oficiais do exército de ocupação. Havia, inclusive, pessoas que trabalhavam com vista à colonização deste país durante a repressão e que participaram nessa repressão. É preciso um certo período de tempo para aqueles que querem ficar e integrar-se. Mesmo que alguém tenha um passaporte de não-cidadão, uma espécie de «cartão verde», tem praticamente todos os direitos, de viajar, residir ou fazer seja o que for. Só não tem todos os direitos políticos para ser eleito ou eleger, como no caso da Letónia, para participar. Agora o resto... É verdade que não podem exercer algumas profissões. Mas, no fundo, têm aqui uma boa vida, podem viajar para ocidente, para oriente... Além disso, para viajar para leste não é preciso pedir um visto, que continua a custar 70 euros.